

## A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E O BOM ENSINO DE HISTÓRIA: POSSIBILIDADE DE AUTONOMIA DOS DOCENTES E DISCENTES

SANTOS, Luciana Souza - UNINOVE – [lucianasouza\\_16@hotmail.com.br](mailto:lucianasouza_16@hotmail.com.br)

MELLO, Márcia Natália Motta – UNINOVE – [mnm12@terra.com.br](mailto:mnm12@terra.com.br)

### RESUMO

Este estudo pretende fazer uma análise dos principais entendimentos sobre “transposição didática” dos conteúdos de ensino de História, ou seja, a relação entre o conhecimento produzido na Academia, o conhecimento de mundo dos alunos e o conhecimento desenvolvido pelo universo escolar possibilitando a autonomia dos docentes e discentes.

Como também um estudo da pedagogia da autonomia de Paulo Freire e as suas contribuições para a prática docente, principalmente no que diz respeito a formação permanente dos professores, o respeito aos saberes dos educandos, a reflexão crítica sobre a prática docente, a compreensão de que ensinar não é transferir conhecimento.

Para tanto verifiquei as principais ideias sobre o que seria um bom processo de ensino-aprendizagem na disciplina de História e como seria uma aprendizagem significativa a partir da leitura de textos de autores renomados da bibliografia sobre o tema, tais como: Paulo Freire, Leandro Karnal, Circe Bittencourt, Maria Auxiliadora Schimdt, Marlene Cainelli, Kátia Abud, Carla e Jaime Pinsk.

### JUSTIFICATIVA

A justificativa dessa escolha advém da necessidade de se compreender quais são as principais discussões sobre a questão do trabalho didático em sala de aula, buscando abranger os processos de transformação de conhecimento científico em conhecimento escolar. Levando em consideração que a cultura escolar é uma cultura em desenvolvimento, tem a sua própria forma e constituição, como devemos pensar o movimento de transformação dos novos conhecimentos científicos em conhecimento escolar que não se volta ao senso comum e que segundo Freire, “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para sua produção ou construção”.

No trabalho, compreendi a “transposição didática” como:

(...) um processo de transformação científica, didática até sua tradução no campo escolar. Ela permite pensar a transformação de um saber científico e social que afeta os objetos de conhecimento em um saber a ensinar, tal qual aparece nos programas, manuais, na palavra do professor, considerados não somente científicos. (...) Isso significa, então, um verdadeiro processo de criação e não somente de simplificação, redução. (...) (SCHIMIDT 2009, p.35).

A transposição didática permite a apropriação efetiva do conhecimento produzido historicamente pela humanidade cabendo ao professor a escolha consciente de um método de ensino para esses conhecimentos, criando, portanto, um saber escolar e possibilitando ao discente uma leitura consciente e crítica do mundo.

De acordo com Paulo Freire:

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível - depois, preciso - trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. (FREIRE,1996, p.12)

Esse pensamento nos permite analisar que o professor aprende e também ensina, que a sua formação continuada é essencial para garantir a escolha consciente de métodos de ensinar e que ao ensinar ele também aprende.

## OBJETIVO

O principal objetivo desse estudo é refletir sobre a importância da transposição didática e da metodologia utilizada para ensino de conteúdos e conceitos na aprendizagem dos discentes. Como também o papel do docente nesse processo.

## PROCEDIMENTOS

Para realização desse estudo realizei uma revisão bibliográfica recorrendo a autores renomados e que em sua trajetória intelectual se dedicaram a essa temática.

## RESULTADOS DO ESTUDO

Segundo Bittencourt (2005), para determinados educadores, franceses e ingleses, as disciplinas escolares provêm das ciências eruditas de referência, são dependentes da produção das universidades, e servem como instrumento de “vulgarização” do conhecimento produzido por um grupo de cientistas, portanto ações que passam por uma “transposição didática”.

Para o pesquisador francês Yves Chevallard (*apud* Bittencourt 2005, p.36), a escola é parte de um sistema no qual o conhecimento por ela reproduzido se organiza pela mediação da “*noosfera*”<sup>1</sup>, portanto, a disciplina escolar é totalmente dependente do conhecimento erudito ou científico o que a coloca hierarquicamente como saber “inferior”, um saber de 2ª classe. Essa mediação entre saber erudito e saber escolar foi designada por Chevallard como “transposição didática”.

Todavia, essa concepção entende que os conteúdos escolares são oriundos da produção científica e os métodos decorrem apenas de técnicas pedagógicas que são transformados em didática.

Diante dessa concepção a escola passa a ser apenas um receptáculo do conhecimento produzido na universidade e o professor o agente responsável pela mediação e adaptação desse conhecimento para o meio escolar. Sendo a sua capacidade medida por sua eficiência em efetuar a “transposição didática”.

O pensador inglês Ivor Goodson e o estudioso francês André Chervel (*apud* Bittencourt 2005 p.37), entendem que a disciplina escolar não se constitui pela simples “transposição didática” do saber erudito, mas, antes, por intermédio de uma teia de outros conhecimentos.

Para Chervel, a disciplina escolar é uma entidade autônoma, existem relações de poder próprias da escola e o conhecimento produzido na escola faz parte de uma cultura escolar, sendo a escola um lugar de produção de um saber próprio.

Bittencourt, alerta que não podemos entender o conhecimento histórico escolar como algo menor, como uma simples transposição didática de um conhecimento que fora produzido na universidade por intelectuais e que o professor tem por ofício a transformação

---

<sup>1</sup> Que corresponde ao conjunto de agentes sociais externos a sala de aula – Inspetores, autores de livros didáticos, técnicos educacionais, famílias. Esses agentes garantem à escola o fluxo e as adaptações dos saberes provenientes das ciências produzidas pela academia.

em um conhecimento histórico escolar por meio de métodos didáticos. O conhecimento histórico escolar é muito mais que um reducionismo do conhecimento histórico acadêmico ele se constitui de múltiplos conhecimentos, o saber erudito, os valores contemporâneos que são absorvidos por alunos e professores em diferentes ambientes, as práticas e problemas sociais específicos de um determinado momento ou de um lugar específico.

O professor é quem transforma o saber a ser ensinado em saber aprendido, e essa ação é fundamental no processo de produção do conhecimento. Conteúdos, métodos e avaliações constroem-se nesse cotidiano e nas relações entre professores e alunos.

Cabe ao professor, portanto, o domínio desses conceitos que organizam os fatos, a mediação que o professor faz em sala de aula é o que garante o aprendizado verdadeiro, quando os alunos se apropriam do conhecimento conseguem subjetivar e a partir desse momento novos conhecimentos serão gerados.

Para Freire (1996), a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática tendo em vista que a ausência dessa reflexão permite o esvaziamento da teoria. Por isso, alguns saberes são fundamentais à prática educativa-crítica e deveriam ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente.

Portanto, podemos concluir que ensinar não é apenas transferir conhecimentos ou conteúdos tão pouco formar é ação na qual o indivíduo a ser formado não participa do processo, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Ensinar exige pesquisa, respeito aos saberes dos educandos e à autonomia do ser do educando.

Compreender a importância da transposição didática dos conteúdos e dos procedimentos historiográficos para um bom ensino da História e autonomia dos docentes e discentes nos faz perceber o quanto precisamos estar atentos e atualizados as pesquisas sobre a didática da história, o quanto a formação continuada dos professores contribui para a melhoria na qualidade da educação em direção da autonomia.

Diante de todas essas constatações, observei que o ensino ocorre quando o professor possui o domínio dos conceitos, da metodologia, dos procedimentos, realizando portanto, a reflexão crítica sob a sua prática e encontra um ambiente favorável na escola para que isso ocorra, já que nos deparamos todos os dias com diversos entraves na execução do nosso ofício.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Kátia. *Currículo de história e políticas públicas: os programas de História do Brasil na escola secundária*. (org) BITTENCOURT; Circe Maria, “O saber histórico em sala de aula”. 2 ed, São Paulo. Ed Contexto, 1998.

BITTENCOURT; Circe Maria, *O saber histórico em sala de aula: Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História*- Circe Bittencourt, 2 ed, São Paulo. Ed Contexto, 1998.

\_\_\_\_\_, *Ensino de História: Fundamentos e Métodos* São Paulo. Ed Cortez, 2005.

CABRINI, Conceição, *O ensino de história: revisão urgente*. 3. Ed. São Paulo. EDUC, 2005.

FREIRE, Paulo, *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_, *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1996.

KARNAL, Leandro, *História na sala de aula: conceitos, práticas e proposta*. São Paulo: Ed Contexto, 2010.

PINSK, Jaime. *O ensino de História e a criação do fato*. 14. Ed. São Paulo. Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_, e PINSK, Carla. *O que e como ensinar. Por uma História prazerosa e consequente*. “História na sala de aula conceitos, práticas e propostas (org) Karnal, Leandro, 6 ed, São Paulo, Ed. Contexto, 2010

SILVA, Marcos. *Ensinar história no século XXI: Em busca do tempo entendido* Marcos Silva; Selva Guimarães Fonseca. Campinas. Papirus, 2007.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora- A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula- *O saber histórico na sala de aula* (org) BITTENCOURT, Circe, São Paulo, Ed Contexto, 1998.

\_\_\_\_\_, CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo. Scipione, 2009.